



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



---

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

---

**TATIANA FERREIRA**

**Avaliação na educação infantil: primeiras aproximações.**

Rio Claro/SP

2019

A decorative graphic at the bottom of the page consisting of a large, light blue circle with white lines forming a complex geometric pattern of overlapping triangles and polygons.

TATIANA FERREIRA

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Orientador: Prof. Dr. Regiane Helena Bertagna.

Co-orientador: Prof. Mestra Liliane Ribeiro de Mello.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau da Licenciada em Pedagogia

Rio Claro  
2019

F383a FERREIRA, TATIANA  
AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL :  
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES / TATIANA  
FERREIRA. -- Rio Claro, 2019  
40 f. + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -  
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro  
Orientadora: REGIANE HELENA BERTAGNA  
Coorientadora: LILIANE RIBEIRO DE MELLO

1. AVALIAÇÃO EDUCACIONAL. 2. EDUCAÇÃO  
INFANTIL. 3. PRÉ ESCOLA. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.  
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo  
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos os colegas e profissionais da educação, principalmente a Estela, minha tia e também professora que sempre me incentivou e me deu suporte durante a minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha orientadora Regiane Helena Bertagna pelo carinho, pela paciência e persistência em me ajudar na realização deste trabalho. Agradeço a Liliane Ribeiro de Mello, por se dispor em me auxiliar como minha coorientadora.

Agradeço a todos os profissionais da escola que abriram as portas para que eu pudesse analisar as fichas descritivas, respondendo meus questionamentos e disponibilizando tempo para me atender.

Agradeço minha mãe pelo amor, pela luta e por sempre me motivar a estudar e crescer profissionalmente.

Agradeço minha família e amigos pelo apoio, e por me ouvirem sempre que precisei, pelos conselhos e incentivo.

Agradeço meus professores e meus colegas de sala, por todo o conhecimento que foi adquirido, todas as experiências compartilhadas e por toda parceria na realização das atividades acadêmicas.

Agradeço por fim, os demais profissionais da educação que tive o privilégio de conhecer durante minha formação, seja nas escolas em que estagiei ou visitas feitas as instituições.

Obrigada.

## EPÍGRAFE

*Eu sou pequeno, me dizem, e eu fico  
muito zangado.*

*Tenho de olhar todo mundo  
com o queixo levantado.*

*Mas, se formiga falasse  
e me visse lá do chão, ia dizer, com  
certeza:*

*— Minha nossa, que grandão!*

Pedro Bandeira

## RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é compreender como é realizada a avaliação na educação infantil, a partir do uso de “fichas de análise de aprendizagem” em turmas de alunos na pré-escola (4 a 6 anos de idade.). A metodologia utilizada foi uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada por meio de estudo bibliográfico sobre o tema e, a prática da avaliação na educação infantil das “fichas de análise de aprendizagem” (sondagens feitas pelo professor), de alunos com idade entre quatro e seis anos, tendo como recorte para investigação uma escola privada do interior de São Paulo. Desta forma, procurou-se demonstrar como ocorre a avaliação nesta faixa etária, através da utilização deste tipo de instrumento de avaliação (fichas) e como é possível, a partir desses resultados, identificar e, se necessário, (re)pensar a forma de avaliação, bem como a prática do professor de crianças pequenas e, ainda, as possibilidades de contribuição para o desenvolvimento das mesmas. Esta pesquisa foi realizada em duas turmas de pré-escolar I e II, buscando ainda o entendimento de como a avaliação educacional pode contribuir ou dificultar o desenvolvimento infantil quando faz uso de modelos classificatórios e, conseqüentemente, segregadores no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Avaliação educacional. Educação infantil. Pré-escola.

## **ABSTRACT**

The main objective of this research is to understand how the evaluation of children's education through "learning analysis forms" is proceeded with pre-school students (4 to 6 years old). The methodology used was a qualitative research based on a bibliographic study and an analysis of a practical application with children in a private school in the state of São Paulo, with the purpose of demonstrating how this type of assessment instrument works in this age, and how, from these results, it is possible to identify and, if necessary, review the evaluation methods, as well as the practice of the teacher of young children, proposing a reflection about the contributing of evaluation to the students development. This research was carried out in two classes of pre-school levels I and II and also seek the understanding of how educational evaluation can contribute or hinder child development when using classificatory models in the teaching-learning process.

**Keywords:** Educational evaluation. Child education. Pre-school.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1.1. Objetivo Geral .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1..2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>14</b>
<b>OS CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
<b>1. PROPOSIÇÕES ATUAIS PARA AVALIAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>17</b>
<b>2. ANALISANDO AS FICHAS AVALIATIVAS NO PRÉ I E PRÉ II .....</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa foi escolhido devido à minha experiência profissional em escolas de educação infantil e pela maior aproximação com crianças pequenas. Dentro da diversidade de questões que permeiam o trabalho nesta etapa, uma em especial me chamou bastante atenção: a avaliação.

Costumava pensar essa fase da vida como um momento em que a criança deve ter direito à tranquilidade, à brincadeira, ao carinho, à ausência de cobranças. Hoje compreendo que tudo isso é muito importante para o desenvolvimento de uma infância saudável, mas compreendi com as discussões propostas em algumas disciplinas que tratam da formação docente na universidade, que a avaliação é parte importante do acompanhamento do desenvolvimento e da aprendizagem da criança, parametrizando o trabalho com cada turma ou ainda com cada aluno individualmente. A avaliação ajuda a ampliar o olhar do professor sobre o contexto da aprendizagem de cada aluno quanto as atividades realizadas.

Trata-se, portanto, de uma ação pedagógica essencial para o desenvolvimento da prática, auxiliando nas decisões e mudanças nas rotinas e atividades propostas às crianças. Todavia, é imprescindível que a avaliação seja usada de forma responsável e voltada para o desenvolvimento da criança e não como um modo de classificação por desempenho que pode levar a análises equivocadas e até mesmo discriminatórias e promover graves consequências para a vida do aluno.

A observação, na escola em que atuei, das práticas de avaliação informal nessa etapa do ensino me levou a refletir sobre o modo como ela é realizada e a perceber a subjetividade que muitas vezes o docente impregna nas práticas avaliativas. Outra preocupação se relaciona com o desdobramento dos resultados – fruto da percepção do docente e de seus próprios valores e expectativas – e como poderiam impactar na autoestima do aluno e até mesmo na construção de sua identidade e do reconhecimento do mesmo por outros agentes da escola e pelos colegas,

considerando o problema do estigma possível de ser estabelecido graças a essas “classificações”.

Ao iniciar a pesquisa busquei entrar em contato com a literatura sobre avaliação escolar para compreender melhor a questão por meio da base teórica e, dessa forma, consegui identificar diversos fatores que já havia presenciado na prática em meu trabalho numa escola privada do interior de São Paulo, em salas de pré com crianças de quatro a seis anos de idade.

Ao me aprofundar nas leituras identifiquei que as cobranças feitas pelos docentes podem ser um reflexo da avaliação realizada sobre a criança (muitas vezes, de forma informal, outras associando-se também avaliações formais), ou seja, quando é estabelecido um pré-julgamento permeado por valores do professor sobre a criança e influenciado também por seu comportamento disciplinar em sala.

Percebi que quando uma criança não consegue atingir os objetivos previstos na proposta do professor ou tem mais dificuldade que o restante da turma, muitas vezes ela pode vir a ser questionada, cobrada e infelizmente até mesmo classificada.

A partir, também, de uma visão moralista e disciplinadora, elas são julgadas a partir de um modelo ideal de criança obediente, atenta, organizada, caridosa, ‘querida”, surgindo as comparações e classificações das atitudes evidenciadas por elas [...] (HOFFMANN, 2011, p. 28).

Esse tipo de conduta do docente pode ser bastante prejudicial, pois as crianças pequenas podem não conseguir compreender uma crítica sem que isso afete seu lado emocional e, então, sua autoestima. Sobre a reflexão de Hoffmann (2011, p. 28) “Ao mesmo tempo em que tais estereótipos são criados sobre as crianças, fugir ao padrão desejado pelo professor sugere críticas cruéis sobre elas.”

Em busca de esclarecer tais inquietações, tendo como principal problemática compreender como ocorre a avaliação na educação infantil e como o professor se expressa nos instrumentos avaliativos – neste caso, as fichas descritivas individuais – e se essa percepção pode conter expressões que revelem aspectos subjetivos e julgamentos que possam vir a prejudicar o desenvolvimento infantil. A pesquisa baseia-se na forma como a avaliação está presente no cotidiano escolar de crianças menores e quais os desdobramentos dessa prática, já que a educação infantil não está fundamentada na ideia de aprovação ou reprovação das crianças (conforme art.

31 da lei n. 9394/96, LDB), diferentemente do que ocorre no ensino fundamental em que a mesma é considerada como uma base para a progressão escolar.

Considerando-se que na educação infantil não é comum o uso de provas escritas e sim atividades realizadas diariamente que auxiliam a observação do docente quanto ao progresso da turma ao conhecimento e por fim a realização de relatórios que descrevam os desempenho individual dos alunos para serem apresentados aos pais e aos órgãos governamentais. Isto é documentado pelo professor levando em consideração o fato de que os alunos ainda não são alfabetizados e isso impossibilita uma avaliação documentada pela escrita do mesmo, outros meios de identificação do processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno são estabelecidos. “É possível que a avaliação nesse momento da educação possa ser muito mais informal e subjetiva, já que não há uma obrigatoriedade de atribuição de notas e conceitos às crianças como é previsto no Ensino Fundamental” (GODOI, 2004, p.18).

A avaliação de crianças pequenas, que na maioria das vezes ocorre de maneira informal e considera, especialmente, o comportamento disciplinar dos alunos, passa por análises subjetivas dos docentes o que pode dar margem a julgamentos que, muitas vezes, são impregnados de valores individuais e até mesmo de empatia.

Por conta desta avaliação escolar ser efetuada de maneira informal na educação infantil e, assim, ligada aos valores e à expectativa do docente, entende-se que isto possa interferir na autoestima do aluno, ou seja, a criança ao ser comparada a outros colegas por suas atitudes, poderá sentir-se inferior aos colegas por não seguir alguma regra ou por não conseguir atingir o mesmo resultado que a turma.

De acordo com a fala de Bertagna (1997, p.178), “A avaliação informal ajuda a compor as notas dos alunos, e sua presença se manifesta em especial relacionada ao comportamento ou ao tipo de comportamento que o aluno deveria apresentar durante as aulas (valores)”.

Em sendo assim, o que nos preocupa é o fato de que a relação professor-aluno pode sofrer mudanças por conta dos juízos de valores informais, através de um pré-julgamento e até mesmo uma rotulação feita do professor ao aluno (estigma), levando em consideração o comportamento do aluno em sala de aula que pode culminar num processo de exclusão e de problemas com a autoestima.

Na educação infantil, a relação professor-aluno é ainda mais importante do que em outras etapas da escolaridade, pois se considera grande dependência por parte da criança em ser guiada por um adulto, percebe-se que nesta etapa elas ainda estão se descobrindo como indivíduos e se adaptando a sociedade, compreendendo o que é determinado certo e errado a se fazer (regras a serem seguidas para o convívio em sociedade). Para o desenvolvimento da criança em sala de aula, a forma com que o professor se relaciona com o aluno pode ser alterada devido às suas considerações pessoais sobre a “origem” (em termos de classe social, raça, crença entre outros) e o comportamento do aluno e quando essa conduta do professor é percebida pela criança que poderá ter seu desempenho impactado por questões emocionais.

A informalidade do processo de avaliação é fator decisivo no desenvolvimento do aluno, pois envolve a formação de juízos gerais sobre si mesmo, os quais afetam sua autoestima e terminam alterando a forma pedagógica com o qual professor interage com o estudante em sala de aula. (FREITAS, 2009, p.8).

Acredita-se que o aluno pode vir a ser desestimulado no seu processo de aprendizado a partir do momento em que essa relação venha permeada de atitudes, gestos e olhares de reprovação ou de antipatia, ou ainda, quando o professor aponta o sucesso ou fracasso do aluno numa determinada atividade proposta prejudicando sua autoconfiança e a autoestima já mencionada. Em alguns casos, quando o professor considera o fracasso do aluno e deixa de auxiliá-lo por considerá-lo incapaz de realizar as atividades, influenciando na continuidade do seu desenvolvimento e no acompanhamento da turma, isso também poderá culminar em problemas de exclusão.

A partir destas percepções iniciais sobre a avaliação na educação infantil, segui com a inquietação sobre alguns modelos ainda colocados em prática atualmente, e que nos levam a reconhecer a importância do aprofundamento sobre como a avaliação deve ser feita, considerando a gravidade das consequências de seus resultados e observando as atualizações de orientações teóricas para esse elemento pedagógico, pois uma avaliação feita em moldes obsoletos ou pouco elaboradas, desconsiderando todos os aspectos de seu impacto para os alunos, podem ter um resultado muito prejudicial.

Estava, portanto, escolhido o tema de pesquisa: avaliação na educação infantil com o objetivo principal de investigar como é realizada essa avaliação por meio das

nomeadas pela instituição pesquisada como “fichas de análise de aprendizagem dos alunos” (sondagens). Instrumento que observei ser posto em prática em escolas que já estagiei, experiência tanto na escola privada quanto pública e que tem por característica a descrição do desempenho apresentado pela a criança ao longo de um determinado período e questões específicas de sua rotina na escola feita por meio de relatórios elaborados pelos professores. Como optei pelo recorte nas etapas denominadas pela instituição como pré I e pré II que formadas por turmas de crianças de quatro a seis anos de idade, em função da experiência profissional, foi preciso atentar também para o fato de que no caso da pré-escola esses instrumentos avaliativos trazem apontamentos sobre o desenvolvimento da criança em determinados conteúdos já abordados em sala para essa etapa e, por vezes, erroneamente uma descrição que julga o comportamento da criança como principal fato a ser analisado.

Dessa forma, busquei analisar as fichas descritivas referente as crianças das turmas selecionadas que foram disponibilizadas pela unidade escolar para compreender a percepção dos professores sobre os respectivos alunos, visando identificar, nessa percepção, elementos que apontem para uma preocupação com questões importantes do desenvolvimento e aprendizado das crianças ou ainda para elementos que, contrariamente ao primeiro objetivo, possam estar impregnados de valores no julgamento e que não tenham pertinência ao propósito de auxiliar a criança no seu processo na escola. A escola me disponibilizou oito fichas no total, sendo cinco fichas do pré um e três fichas do pré dois, alegando que as demais estavam com muitas semelhanças entre elas.

Trata-se de um esforço por compreender aquilo que está além das palavras escritas nas fichas, mas que tem significado simbólico e que possa demonstrar, numa pequena amostra composta por duas turmas, um pouco dos processos avaliativos ainda vigentes e seus aspectos positivos e negativos.

## **1.1.. Objetivos**

### **1.1.1. Objetivo Geral:**

O objetivo principal desta pesquisa é investigar como é realizada a avaliação

na educação infantil por meio das fichas de análise de aprendizagem dos alunos (sondagens) e quais percepções são consideradas e apontadas pelos professores nesta avaliação.

### **1.1..2 Objetivos Específicos:**

A pesquisa tem por objetivos também:

- Revisar levantamento bibliográfico sobre avaliação na educação infantil (como a avaliação se encontra na educação infantil e como é aplicada.); Investigar como os alunos são avaliados por meio das fichas de análise de aprendizagem, na etapa e escola selecionada na pesquisa.

- Identificar elementos presentes nas observações dos professores sobre os alunos e possíveis traços de julgamentos de valores.

Apresentados os meios que nos levam a esta pesquisa e seus objetivos, é preciso demonstrar quais serão as formas de trabalho estabelecidas para a realização da mesma.

## 1. OS CAMINHOS DA PESQUISA...

O que se propôs neste trabalho foi uma pesquisa de abordagem qualitativa, na qual foram utilizadas como ferramentas para obtenção de dados a pesquisa bibliográfica e a análise de fichas escritas por professores sobre o desenvolvimento dos alunos dos anos pré-escolar I e II, faixa etária entre 4 e 6 anos, de uma escola do interior de São Paulo.

A pesquisa qualitativa visa maiores questionamentos, reflexões e aprofundamento sobre o assunto. Na pesquisa de âmbito qualitativo, o pesquisador cria a sua análise através das suas próprias percepções. Segundo Garnica:

“[...] nas abordagens qualitativas, o termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador.” (GARNICA, 1997, p. 111).

Para o autor, o pesquisador cria a sua análise através das suas próprias percepções, o que dá à pesquisa um caráter mais reflexivo, autoral e traz a contribuição do conhecimento e da leitura que o autor faz em função de sua própria vivência e conhecimento.

Para os autores Lüdke e André (1986), a importância da pesquisa qualitativa está também na contribuição que ela oferece na análise do processo, “A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

Por conta dessa característica,

O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.12).

Assim, para uma pesquisa como esta que visa uma compreensão via interpretação dos apontamentos feitos nas fichas, considerando aspectos subjetivos

e valores que permeiam o julgamento dos docentes, claramente a pesquisa qualitativa parece ser a mais adequada.

A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima". (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

Considerando ainda que trabalhei na escola por um período de dois anos e que vivenciei a prática da avaliação por fichas dessas turmas analisadas, considero ainda o exposto pelos autores:

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

Foram analisadas as fichas de análise de aprendizagem de crianças integrantes das turmas de pré I e pré II (alunos de quatro a seis anos) de uma escola da rede privada de ensino situada em uma cidade do interior de São Paulo. Ao todo foram selecionadas de duas a três fichas de cada turma da mesma, totalizando oito fichas.

As fichas foram analisadas a partir da leitura dos conteúdos buscando evidenciar indicativos de aspectos enunciados pelos professores (atribuição de adjetivos, emissão de juízo de valores, etc.) em relação às crianças e, as dúvidas que surgiram, quando possível, foram esclarecidas pelos profissionais da instituição.

### 3. PROPOSIÇÕES ATUAIS PARA AVALIAÇÃO INFANTIL

A avaliação infantil deve possibilitar uma análise que se baseie no desenvolvimento da criança como principal fator, que vise formas de contribuição para este desenvolvimento e para o aprendizado, é imprescindível que seja responsável e evite o efeito negativo nos alunos, o que poderia ser prejudicial ao reconhecimento de si, à sua formação identitária e à percepção dos colegas e do professor sobre o mesmo.

Todavia, são poucos os autores que vem trabalhando a questão da avaliação na educação infantil e o campo de pesquisa para esse tema é ainda bastante amplo, sendo também um problema social, pois impacta uma fatia da população que necessita de muita atenção, mas que muitas vezes fica em segundo plano.

[...] o termo/tema avaliação está entrando no campo da educação infantil delimitando um novo “problema social” para sua política, já que a educação infantil não constitui um recorte, até agora, da produção sobre avaliação na educação básica. Ao assumir o status de problema social, a avaliação na/da educação infantil apela por atenção pública como uma questão de política social. Assim, o tema passa a ser delimitado, enquadrado como problema, entra na agenda e na pauta de negociações de políticas sociais, busca visibilidade e legitimidade públicas, recursos e incita defensores/apoiadores (*stakeholders*), bem como opositores. De certa maneira, trata-se de mais uma busca da educação infantil, campo minoritário, de se integrar ao campo hegemônico da educação básica. De fato, como observado em outras áreas e momentos, o campo de investigação, políticas e práticas de avaliação da educação básica praticamente banuiu a educação infantil de suas preocupações manifestas, apesar de uma das obras mais referidas na bibliografia brasileira contemporânea sobre avaliação, a de Jussara Hoffman (1996), tratar do tema na pré-escola. (ROSEMBERG, 2013, p. 47).

O tema é importante por ser um elemento pedagógico bastante relevante, por ter implicações no desenvolvimento dos alunos em aspectos cognitivos, como também no desenvolvimento emocional e na autoestima das crianças. O aspecto emocional impacta a vida de todos nós e quando estamos lidando com crianças pequenas o cuidado deve ser ainda maior, pois as crianças costumam ser mais sensíveis e ter maior dificuldade na aceitação de críticas, sentindo-as como desvalorização ou desaprovação.

Cabe ao adulto educador/professor identificar o potencial desenvolvimental e educacional inerente às atividades, pensar e

disponibilizar situações estimulantes, formulando “pontos de atenção” e atendendo ao bem-estar emocional e implicação das crianças. (PORTUGAL, 2012, p. 598).

Não se trata de uma atividade simples, a prática docente é passível de falhas, mas é importante buscar sempre aprimorar essa prática e ter em vista o cuidado e a preocupação, especialmente, com as crianças e o seu desenvolvimento, pois este fortalecerá futuramente sua formação.

Um elemento muito preocupante em avaliação é o aspecto subjetivo daquele que avalia sobre quem é avaliado e, em especial, em instrumentos não formais de avaliação, isso tende a ser mais frequente. Essa subjetividade pode trazer prejuízo para a avaliação efetiva do desenvolvimento do aluno, caso esteja impregnada do julgamento do professor que pode passar pela percepção que ele tem do esforço do aluno, por empatia ou antipatia ou, ainda, por preconceitos a respeito de algumas características ou condições a que o aluno esteja sujeito.

Isso não dirime as implicações e as inquietações presentes e constantes também em instrumentos formalizados, como nas próprias fichas que serão analisadas neste trabalho, mas nos chama a atenção, na literatura estudada, a presença dos aspectos da avaliação informal.

Um aluno que pode ser considerado pelo professor como desorganizado, que não presta atenção suficiente na aula e com problemas de comportamento, muitas vezes é julgado incapaz de adquirir algum conhecimento referente ao conteúdo definido pelo professor e pode receber menor atenção em sala de aula, sendo assim, este aluno pode vir a sofrer um processo de exclusão e atraso no aprendizado. Quando essa avaliação feita pelo professor para um determinado aluno é compartilhada com a sala, o mesmo fica exposto aos demais e a situação se agrava: “A avaliação informal é pública e pode agredir muito mais a autoestima do aluno, levando-o muitas vezes a repetência escolar e em casos mais dramáticos, a evasão escolar.” (GODOI, 2004, p.15).

Vale acrescentar que a atenção e o desempenho do aluno não se explicam por questões pura e simplesmente da vontade ou interesse do mesmo, pode ter sua raiz em questões psicológicas, de desenvolvimento e aprendizagem ou sociais por conta da relação com a família, com o meio ou ainda do acesso a outras ferramentas culturais que ampliem seu repertório, sem contar também que todo o problema pode ser decorrente de uma falha no processo pedagógico.

[...] a intencionalidade do processo educativo pressupõe observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular: observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, com vista à adequação do processo educativo; planejar de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, implicando reflexão sobre intenções educativas e as formas de as concretizar/adequar ao grupo e a cada criança, procurando criar situações de desafio ainda que acautelando situações de excessiva exigência e envolvendo as crianças no próprio planeamento; agir, concretizando na ação as intenções educativas; avaliar o processo e os efeitos, envolvendo as crianças e legitimando o planeamento futuro a realizar; comunicar e articular com colegas, auxiliares, pais, agentes da comunidade, apostando no trabalho em equipa e promovendo a continuidade educativa e transição para a escolaridade obrigatória. (PORTUGAL, 2012, p. 593).

Isto torna a avaliação uma tarefa considerada complexa para aos professores, pois é preciso analisar cuidadosamente todo o desenvolvimento da criança pequena, reconhecendo a cada passo suas progressões e estar atento à própria percepção, lembrando sempre que por se tratar de uma avaliação em parte subjetiva mesmo que deva ser pautada em elementos práticos, o docente pode equivocadamente basear-se em suas crenças e princípios morais. Portanto é preciso que o profissional tenha em mente o que deve ser de fato analisado, e é principalmente o conteúdo aprendido pelo aluno e seu desenvolvimento e não o que acredita ser adequado ou não quanto ao comportamento da criança.

A avaliação por meio de uma percepção do(a) professor(a), segundo Hoffmann (2011), exige um olhar teórico-reflexivo do docente, levando em consideração o contexto sociocultural da criança e respeitando a sua individualidade. Por conta disto, é preciso respeitar o conhecimento e a vivência da criança fora da escola antes de analisar alguns critérios para serem avaliados.

Algumas escolas veem como solução para o problema da subjetividade na avaliação de crianças pequenas pelo professor, atividades avaliativas formais já na educação infantil, com o intuito de fazer da educação nos primeiros anos escolares uma base para o ensino fundamental. Em alguns casos, as próprias famílias criam essa demanda exigindo da escola em que matriculam seus filhos, que não tenham um atendimento assistencialista, mas que já trabalhe atividades que estimulem o desenvolvimento e o conhecimento das crianças mesmo durante as ações do dia a dia, ou seja, mesmo durante a brincadeira ou momentos como alimentação e higiene

por exemplo é possível implementar conhecimentos através do direcionamento do professor. Essa proposta também se estabelece numa linha de trabalho pedagógico afirmado por muitos pesquisadores da área. Trata-se de oferecer às crianças pequenas, várias atividades ao longo do ano, com a intenção não somente de brincar sem devido acompanhamento do docente (que poderia ser momentos livres entre crianças no parque, por exemplo), mas com brincadeiras e atividades direcionadas que visam desenvolver melhor a coordenação motora, o conhecimento físico, lógico, matemático, além de auxiliar a se relacionar com o próximo e viver em sociedade. Sendo assim, a escola de educação infantil não tem só o papel de tomar conta das crianças para os pais trabalharem e sim de cuidar e auxiliar no desenvolvimento da mesma. A escola passou a ter esta visão de local para ter com quem deixar as crianças em segurança conforme as mulheres foram ingressando para o mercado de trabalho e necessitando de auxílio de outras pessoas para cuidar dos filhos.

Outro ponto importante é pensar que o próprio ambiente escolar, o afastamento da família e do ambiente doméstico, o espaço, as pessoas, a alimentação, a presença de outras crianças no início podem ser desafios difíceis para as crianças pequenas superarem e incorporarem ao seu repertório de desenvolvimento e formação.

Cabe ao professor passar ao aluno a segurança necessária e a tranquilidade para que ele se desenvolva, abarcando conhecimentos e aprendendo a relacionar-se. Para isso, deve pensar naquilo que o aluno já traz, o que já consegue dominar e oferecer condições para que ele atinja outras etapas do desenvolvimento num processo contínuo que respeita diferentes tempos e diferentes potencialidades.

Prestar atenção à qualidade de implicação da criança e perceber o que significa para ela experiência um determinado contexto educacional (processo de reconstrução da experiência da criança), não sendo fácil, é o que parece verdadeiramente estar na base de uma avaliação e intervenção educativa qualitativamente superior. A adoção de uma atitude experiencial pressupõe a capacidade de o adulto colocar-se na perspectiva da criança (e em consonância, ir mais devagar, dizer por outras palavras, propor outra abordagem, diversificar as atividades etc.), mobilizando na relação dimensões como a empatia e intuição (Laevers, 1998, 2003) e criando condições de ensino efetivamente conducentes a aprendizagens. Este papel em que o adulto, em conjunto com a criança, cria uma zona de desenvolvimento próximo e garante aprendizagens, requer a mais alta competência do educador. (PORTUGAL, 2012, p. 598).

Seria de alguma forma pensar o papel do professor como “ponte” que leva o aluno de um estágio a outro, de um conhecimento a outro, de uma fase a outra,

desenvolvendo-se de forma saudável e condizente para este nível/etapa da formação humana.

Em muitos momentos repete a questão da subjetividade como negativo, a questão são os parâmetros que se tem, porque o subjetivo não se distanciará desse processo, sim deve pautar em fundamentos pedagógicos democráticos, por isso Luiz Carlos de Freitas (2014) explica que avaliação está implicada em objetivos (se não tenho os objetivos formativos claros, não tenho como avaliar para acompanhar o desenvolvimento e rever o processo de ensino.

É preciso equilíbrio para pensarmos neste processo de forma mais respaldada em fundamentos para acompanhar o desenvolvimento e traçar novas estratégias e estímulos, deixando claro que a avaliação é de suma importância para o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos na escola, nas palavras de GODOI (2014):

“Não somos contra a avaliação. Acreditamos que ela não precisa ser negativa e prejudicial, mas usada a favor da criança e do professor, como um instrumento auxiliar no seu trabalho. No momento em que este a usar como um meio para conhecer as crianças, não para julgá-las e classificá-las como boas, fracas, obedientes, desobedientes, etc., colocando rótulos e criando imagens a respeito das mesmas, mas para propor desafios, novas descobertas e experiências e orientar seu trabalho, a avaliação estará promovendo o desenvolvimento delas e não as cerceando e, nesse sentido, será positiva (GODOI, Elisandra Girardelli, p. 20, 2014).

#### 4. ANALISANDO AS FICHAS AVALIATIVAS NO PRÉ I E PRÉ II

Foram analisadas seis fichas descritivas de alunos de Pré I e II de uma escola particular, que tinham por objetivo compreender os requisitos observados pelos professores (no caso duas professoras) para avaliar e dar uma devolutiva para os responsáveis da criança sobre como a mesma estaria se desenvolvendo dentro da escola.

Apesar destas fichas serem escritas por professoras diferentes, elas seguem um mesmo padrão, tanto no modelo quanto no texto em si. Segundo informado pela diretora do colégio, não há um modelo a ser seguido, porém as colegas de trabalho daquela escola tem afinidade e, por isso, procuram trabalhar em parceria umas com as outras. Informaram-me também, que este formato de relatório escrito sobre o que se observa dos alunos sempre esteve presente naquela escola.

Vale salientar que não se tem a intenção de generalizar o modo como é feita a avaliação na educação infantil em todas as escolas através desta pesquisa, evidenciamos aqui apenas um exemplo de como a avaliação possa vir a ser permeada de valores pessoais (informal).

Para proteger a identidade dos alunos, das professoras e da escola, não serão citados nomes e as fichas serão analisadas em conjunto, trazendo neste trabalho somente as características que pude observar.

Sendo assim a primeira e principal característica que podemos notar em todas as fichas analisadas, é que elas sempre se iniciam citando aspectos referentes à personalidade das crianças, utilizando adjetivos como: alegre, meiga, espontânea, esperta, etc. Esta parte é classificada pelas professoras como aspecto afetivo. Cito como exemplo alguns trechos encontrados nas fichas:

Ficha F: *“J. é um menino observador, amoroso, prestativo e alegre, estamos felizes por termos em nossa turma.”*

Ficha E: *“Neste semestre o F. no aspecto afetivo demonstrou ser uma criança um pouco imatura, chora com facilidade para demonstrar sua insatisfação, entretanto é muito meigo, carinhoso, atencioso e amigo.”*

Ficha C: *“A A. no aspecto afetivo demonstrou ser uma criança um pouco imatura com as questões interpessoais, porém é meiga e carinhosa.”*

Analisando estes trechos nota-se o julgamento em relação à personalidade feita pelas docentes.

Em seguida, as professoras citam o comportamento do aluno em sala de aula, como eles realizam as atividades propostas, mas essa observação também apresentam adjetivos ligados ao esforço e à curiosidade para a realização das atividades (julgamento de valor). O conceito de avaliação implica em julgamento de valor, mas precisa ser estabelecido sobre quais dados serão emitidos os julgamentos e, qual decisão (ação educativa) será tomada a a partir deles, e, se ocorridos no âmbito da avaliação informal (BERTAGNA, 2006, 2002), estes não devem ser depreciativos, de forma a afetar o desenvolvimento emocional do aluno e, conseqüentemente, seu desenvolvimento e formação.

A seguir se apresenta trechos das fichas em que podemos observar que mesmo quanto a prática, há características que são empregadas as crianças:

Ficha A: *“Ao realizar as atividades propostas as faz, no entanto preciso ficar chamando sua atenção, pois se distrai muito facilmente. Quanto as regras de convivência muitas vezes é resistente, no entanto quando chamo sua atenção pede desculpas e as cumpre. Ela é esperta e muito inteligente e está sempre disposta a descobertas.”*

Ficha E: *“Ele é esperto porém para realizar as atividades propostas precisa da minha intervenção.”*

Ficha B: *“Ao realizar as atividades propostas as faz com muita motivação e curiosidade, é muito esforçado.”*

Em algumas fichas é tratado sobre o dia do brinquedo (dia da semana estabelecido pela escola por meio de autorização e pedido que os alunos levem um brinquedo de casa para brincar com os colegas), utilizando este evento para descrever como o aluno se socializa com os demais, se ele compartilha seu brinquedo com os outros, se respeita o colega, se é cuidadoso com o objeto da outra criança, se existe diálogo e acordo entre a turma.

Em relação ao relato sobre as atividades propostas, na maioria das vezes se refere a autonomia da criança ao realizá-las, definindo o quanto a criança pede ajuda dos colegas e da professora, demonstrando a partir disso um avanço no seu desenvolvimento. Esta autonomia também é citada nas questões do cotidiano,

descrevendo a criança como mais independente em certos afazeres do dia a dia, por exemplo a realização de tarefas ligadas à higiene e alimentação. Como por exemplo no seguinte trecho:

Ficha A: *“No lanche alimenta-se bem, come as frutas, quanto a higiene pessoal faz a escovação dos dentes e usa o banheiro tudo com autonomia.”*

Outro aspecto observado, mas sem muito detalhamento, se refere à linguagem oral e escrita e ao conhecimento matemático da criança, ou seja, apresenta-se nas fichas como está a dicção das crianças e se está evoluindo no aprendizado da escrita e leitura, citando o conhecimento do alfabeto, das sílabas e, no caso do pré II, de novas palavras. Sobre matemática, são citados os numerais conhecidos já pelos alunos e quais “pequenas contas” já são realizadas (este último elemento mais presente nas fichas das crianças do pré II), o conhecimento de algumas formas geométricas também são descritos. As demais áreas de aprendizado não foram citadas, portanto a uma ênfase na descrição sobre aspectos cognitivos relacionados a área de linguagem e matemática, podendo assim neste momento ter uma visão do aluno de fato relacionado ao seu desenvolvimento educacional. Segue trechos que possam exemplificar esta abordagem:

Ficha C: *“Na matemática A. está aprimorando a noção de quantidade, lê e escreve numerais de 0 a 10, tem um pouco de dificuldade em traçar alguns.”*

Ficha A: *“Desenvolveu atividades envolvendo o alfabeto móvel associando as letras, reconta e cria novas histórias com isso está ampliando seu vocabulário.”*

Ficha B: *“Participa das atividades que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático tais como jogos, contagem com material concreto e brincadeiras, reconhece as formas geométricas e as cores.”*

A escola oferece o ensino de inglês para os alunos da pré-escola, porém a avaliação é realizada pela professora especialista responsável, que não foi objeto deste estudo, bem como outras atividades realizadas pelos alunos, tais como aulas de ballet e caratê, não possuem fichas para serem apresentadas aos pais, as devolutivas aos pais são realizadas por meio de apresentações durante o ano letivo, que também não foram objeto deste estudo.

Em geral, as fichas demonstram para os responsáveis o bem-estar das crianças na escola, a socialização com os colegas, os cuidados, o aprendizado e a diversão. Pensar o aspecto lúdico é sempre um passo importante, pois estabelece pontes para a aquisição de conhecimentos e também para socialização da criança. Segundo Paro (2014), esse aspecto dialoga com uma noção de escola democrática, em detrimento da escola tradicional, conteudista e autoritária, em que o desenvolvimento do aluno era pensado individualmente. O autor destaca que a escola “[...] deveria pautar-se pelas ações coletivas e pela cooperação entre indivíduos” (PARO, 2014, p. 67), mas denuncia que a maior parte delas ainda faz uso de modelos individualizantes que, segundo ele, são nocivos para o desenvolvimento biopsíquico e social dos alunos, já que as crianças precisam se relacionar, especialmente com outras crianças.

A associação do aspecto lúdico ao aprendizado que se dá na socialização é uma contribuição de Piaget que Paro cita em suas análises:

Em lugar de considerar tendências psicológicas profundas da criança, que a levariam ao trabalho em comum – não se opondo a emulação à cooperação -, a escola condena o aluno ao trabalho isolado e só tira partido da emulação para dispor alunos uns contra os outros. Este sistema de trabalho puramente individual, excelente se o objetivo da pedagogia é dar notas escolares e preparar para os exames, só tem inconvenientes se se propõe a formar espíritos racionais e cidadãos. (PIAGET apud PARO, 2014, p. 67).

Importante lembrar também que Paro (2014) defende uma educação que não se restringe à sala de aula, mas aos espaços comuns da escola nos quais se pode estabelecer um desenvolvimento de prática democrática, possibilitando uma formação do sujeito coletivo e expurgando os resquícios de autoritarismo da escola tradicional. Para este autor este processo vai além do aspecto do desenvolvimento das subjetividades, na medida em que o educando tem espaço de manifestação e autonomia, para atribuir à escola crítica, com vistas à transformação social e política, também uma contribuição aos alunos sobre seu modo de ser no mundo, no coletivo.

A escola tradicional previa um professor autoritário, capaz de punir os alunos pela reprovação e segundo Paro (2014) esse poder se reduz com progressões continuadas ou promoção automática e a ideia de obediência que se espera do aluno vai mudando e dando lugar a um aluno autônomo, que já não obedece a todos os

comandos do professor, como também não obedece automaticamente aos pais, fazendo necessária uma negociação entre professor e alunos, o que potencializa um desenvolvimento mais democrático de sociedade.

O prejuízo que o autoritarismo da escola tradicional, por sua tentativa de imposição arbitrária de conteúdos, traz em termos sociais não é apenas de natureza explicitamente pedagógica – por seu fracasso precisamente em prover esses conteúdos – mas também de natureza política, ao deixar de contribuir para a formação de personalidades democráticas. Ao impor arbitrariamente esses conteúdos de modo generalizado e permanente para seres em formação, que ainda não tem desenvolvidos parâmetros alternativos de julgamentos dos valores que lhe são impostos, a escola, em vez de formar cidadãos pré-dispostos a agir democraticamente, acaba por contribuir para a formação de personalidades autoritárias, cujas principais características são, “de uma parte, a disposição à obediência preocupada com os superiores, incluindo por vezes o obséquio e a adulação para com todos aqueles que detêm a força e o poder; de outra parte, a disposição em tratar com arrogância e desprezo os inferiores hierárquicos e em geral todos aqueles que não tem poder e autoridade” (Stoppino, 1991b, apud PARO, 2014, p. 63).

A contribuição de Paro (2014) para reflexões sobre esta pesquisa estão no fato de que há nas fichas, conforme identificado em sua análise, um aspecto de preocupação com o lúdico, porém também uma adjetivação e uma valoração do comportamento dos alunos.

Essas maneiras de expressão dos professores apontam para resquícios da escola tradicional em que o bom comportamento era valorizado, em detrimento do aluno “rebelde”, “malcomportado”, “desobediente”. Ainda que raramente as professoras tenham atribuído adjetivos negativos às crianças, como por exemplo citar imaturidade da mesma em lidar com o contrário ao desejado partindo para o choro, o fato de usarem adjetivos como “alegre”, “meiga”, “espontânea”, “esperta” indicam essa orientação de julgamento de valores. “Alegre” é a criança que não se manifesta contrariamente àquilo que está sendo proposto pela escola e pelo professor; “meiga” é aquela que não se contrapõe, não se rebela, não faz o enfrentamento de proposições que não lhe agradam; o adjetivo “espontânea” pode ser compreendido pelo lado da proatividade (adjetivo muito presente atualmente na escola que dialoga com o mundo corporativo em propostas educacionais desastrosas de formação dos sujeitos para um dado tipo de relação de trabalho) e pode também ser compreendido pelo aspecto negativo daquela criança que se expressa de forma indesejada; por fim “esperta” revela a criança que corresponde às expectativas do professor.

De toda forma, vale destacar que esse tipo de categorização apontada nas fichas – que em si já trazem uma avaliação muito restrita e ineficaz dos alunos, pelo aspecto instrumental e em nada dialógico, pela simplificação e padronização, pela ausência de elementos mais abrangentes sobre o desenvolvimento da criança e por inúmeras outras fragilidades – demonstra uma orientação pedagógica ainda voltada para modelos tradicionais.

Ainda segundo Paro (2018), isso se dá em função da formação de gestores e professores que – embora venha melhorando consideravelmente nos últimos anos, basta lembrarmos que até pouco tempo a formação mínima obrigatória para o professor era o magistério, com equivalência à formação de nível médio, dificultando uma visão política com maior amplitude, com ênfase em uma formação mais prática e relativizando os princípios democráticos que consideramos necessários para a docência, para que estes princípios instrumentalizem a prática de avaliação, minimizando a relação de poder entre professor e aluno, a identificação do aluno como aquele que adquire conhecimento de forma passiva etc. Sobre a formação docente, Paro (2014) destaca que:

Usualmente, acredita-se que bastam a frequência a um curso superior e a obtenção de um diploma de licenciatura para exercer com qualidade as atribuições docentes. Nessa perspectiva, as referências a uma melhor qualificação se resumem, em grande medida, na apropriação dos conhecimentos relativos aos conteúdos curriculares, às teorias pedagógicas e às metodologias de ensino. Quando, todavia, a partir de uma concepção crítica de educação, se considera seu caráter intrinsecamente político, aparecem questões que não costumam estar presentes nos debates sobre formação docente. Uma das mais relevantes é o fato de que a formação política necessária para se estabelecer um diálogo democrático na relação pedagógica inicia-se na infância. (PARO, 2018, p. 108).

O autor aponta para o fato de que parte da preparação docente ocorre já em contato com alunos da educação infantil e do ensino fundamental e propõe uma reflexão sobre a qualidade do ensino nesse níveis em função disso e indaga sobre

[...] o que introduzir, já, na formação docente (regular e em serviço) em termos de medidas que concorram para neutralizar vícios autoritários trazidos para o ensino superior ou para prática docente dos que exercem a profissão, e ao mesmo tempo desenvolver virtudes democráticas condizentes com o ofício de educar? (PARO, 2018, p. 109).

Paro (2018) responde a própria indagação analisando pesquisas empíricas que realizou com professoras, nas quais identificou que o “autoritarismo” dos mesmos não se fez no curso de Pedagogia ou nas leituras para sua formação, mas que já a trazem consigo, na sua formação como sujeito, desde a infância, onde segundo ele, tem origem os piores vícios. A Pedagogia, na sua análise, tem buscado romper com essa perspectiva, mas esta ocorre num processo histórico e social, e encontra-se culturalmente arraigada nos indivíduos.

Para romper esse círculo vicioso, sugere políticas públicas que auxiliem a formação inicial e continuada de professores, levando o debate sobre o aspecto político da educação, tanto para quem inicia como também para aqueles que já se encontram na sua prática pedagógica, assim como remete a questionar aspectos relativos às condições de trabalho desses profissionais e demais condicionantes externos ao processo educativo com o propósito de indicativos para transformações na educação, na escola e na sociedade.

## a. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões sobre o trabalho realizado, se observa que há ainda uma visível dificuldade em se avaliar as crianças da educação infantil, principalmente por não se discutir, planejar e estabelecer a priori os aspectos a ser avaliados, dificultando a percepção dos critérios aos quais os alunos foram submetidos no processo de avaliação, ficando de certa forma, a mercê da influência de valores e julgamento informais sobre elas, nem sempre respaldados sobre critérios objetivos a respeito do processo de ensino-aprendizagem. Tal fato pode ser percebido tanto pelas leituras feitas durante este processo, quanto nos próprios julgamentos de valor descritos nas fichas descritivas.

A utilização da avaliação informal, neste caso acaba se acentuando negativamente, pois os julgamentos de valores, em muitas vezes, são depreciativos, e, às vezes não são condizentes com o que é esperado ao avaliar. Neste sentido, identificamos que é necessário tomar devidos cuidados para não classificar a criança (o que pode auxiliar na evasão escolar) a partir de atitudes que não se adequam na avaliação do desenvolvimento de aprendizagem em si. Esta percepção é feita também pela autora Elisandra G, Godoi (2014) ao afirmar em uma de suas escritas que: “Isso mostra que mesmo na educação infantil já estão presentes os mecanismos de seleção e exclusão, o que é preocupante, pois, a avaliação não deve ter o objetivo de promover ou não a criança para o Ensino Fundamental, mas sim acompanhar o seu crescimento.” (GODOI, p?,2014)

A partir da análise dos instrumentos avaliativos da pesquisa se pode compreender que na prática se evidencia um enfoque, principalmente sobre o comportamento do aluno, deixando nas entrelinhas uma imagem de aluno ideal a ser padronizado e se distancia, pouco a pouco do foco principal, que seria os conteúdos aprendidos pelo aluno e como o mesmo está se desenvolvendo em seu processo de aprendizado.

As evidências a partir dos dados trazem à tona questionamentos: de como essas avaliações devem ser feitas; como agir ao avaliar uma criança durante a processo ensino aprendizagem e desenvolvimento infantil, e uma reflexão sobre quais melhores meios de obter uma avaliação genuína sobre o aprendizado infantil, sem

transparecer as questões que remetem somente ao comportamento e convívio com as demais. Ademais, o estudo sobre a avaliação informal na educação infantil, acaba por revelar que é necessário, principalmente, entender que este julgamento por parte dos adultos, talvez possa promover o afastamento aluno da escola, ou a aversão ao processo de aprendizagem, seja dificultando a relação aluno-professor, como também, prejudicando a autoestima do aluno, a partir da crença da incapacidade de alcançar os objetivos propostos dentro da sala de aula.

Embora singela a contribuição realizada neste estudo, pois se remete a turmas específicas em uma escola da rede privada, compreendemos a importância de novos estudos se lançarem na perspectiva para melhor análise a ser feita pelos docentes durante o processo de avaliação na educação infantil, uma busca por uma avaliação que mesmo sem provas e trabalhos com notas (modelo avaliativo para alunos mais velhos), não se submeta ao olhar para o aprendizado na educação infantil somente como uma pequena fase preparatória para o ensino fundamental, e sim uma fase de muitas possibilidades de aprendizado e desenvolvimento para sua formação humana.

Por fim, fica o questionamento de como a avaliação deve/pode ser realizada na educação infantil, quais métodos poderiam auxiliar a uma observação e acompanhamento de cada aluno individualmente ou até mesmo da turma em coletivo, sem que seja feita uma classificação entre os alunos devido a uma análise comportamental, deixando a desejar uma avaliação relacionada aos aspectos do processo de ensino-aprendizagem, do desenvolvimento individual, do que seria preciso rever com a turma (conteúdos) para atingir os objetivos educacionais propostos, sem diferenciar as crianças entre si. Em sendo assim, a luta é por um aprendizado igualitário, significativo para formação humana das crianças, e uma avaliação não somente para classificar as crianças do ensino infantil para o fundamental e, sim, apoiar-las em seu desenvolvimento de acordo com a etapa que se encontram de desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

BERTAGNA, Regiane H. **Avaliação da aprendizagem escolar: a visão de alunos de 4º e 5º séries do 1º grau**. 1997. 193 f. Dissertação (Mestrado em educação), Unicamp, São Paulo, 1997.

BERTAGNA, R.H. O formal e o informal em avaliação IN: FREITAS, L.C. (Org.). **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Ed. Insular, 2002.

\_\_\_\_\_. Avaliação Escolar: Pressupostos Conceituais IN: MEYER, J. F. da C.A.; BERTAGNA, R. H. **O Ensino, a ciência e o cotidiano**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2006.

FREITAS, Luiz Carlos de et al (Org.). **Avaliação: Construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Insular, 2002. 264 p.

FREITAS, Luiz Carlos de et al. **Avaliação educacional: Caminhando pela contramão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GARNICA, Antônio V. M. **Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia**. Interface Comunicação, Saúde, Educação: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 1, n. 1, p.109-122, ago. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/08.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

GODOI, Elisandra G. **Avaliação na creche: O caso dos espaços educativos não-escolares**. 2006. 235 f. Tese (Doutorado), Unicamp, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000401477>>. Acesso em: 21 out. 2015.

GODOI, Elisandra G. **Avaliação na educação infantil: Um encontro com a realidade**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006. 112 p.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação na pré-escola: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 16. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011. 92 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.

PARO, Vitor H. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 3ª. edição. São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. **Professor: artesão ou operário?** São Paulo: Cortez, 2018.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. *Apud* PARO, Vitor H. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 3ª. edição. São Paulo: Cortez, 2014.

PORTUGAL, Gabriela. Uma proposta de avaliação alternativa e “autêntica” em educação pré-escolar: o sistema de acompanhamento de crianças (SAC). **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, p. 593 – 744, set./dez., 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas de educação infantil e avaliação. **Cadernos de pesquisa**, v. 43, n.148, p. 44-75, jan./abr., 2013.

## ANEXOS

Ficha A – Pré I:

### Relatório do 1º Semestre / 2017

Aluna: M.

Turma: Pré Escola 1

Professora: R.

Neste primeiro semestre, a M no aspecto afetivo mostrou-se ser uma criança muito esperta, espontânea, meiga e feliz. Ao realizar as atividades propostas as faz com muita motivação e curiosidade, é muito esforçada. Ela é uma criança muito carinhosa, e atenciosa, sempre disposta a novas descobertas e cumpre todos os combinados.

Gosta de cooperar com todos os colegas e professora, no dia de brinquedo de casa empresta aos colegas sem precisar da minha intervenção, e assim com carisma e junto com seus colegas está construindo normas e valores próprios para sua idade que a faz progredir no seu desenvolvimento para um melhor aprendizado.

Nas atividades propostas apresentou um considerável progresso quanto a sua autonomia na realização das mesmas e nas resoluções de algumas situações do cotidiano.

Quanto à linguagem oral, a M não apresenta dificuldades ao pronunciar as palavras tem boa dicção, já na escrita, escreve o nome às vezes precisa do auxílio do crachá, consegue identificar e comparar letras do alfabeto. Desenvolveu atividades envolvendo alfabeto móvel associando as letras, reconta e cria novas histórias com isso está ampliando seu vocabulário.

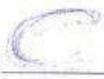
Aprecia com entusiasmo a leitura feita diariamente em grupo ou individual, desenvolvendo assim as suas habilidades na prática das mesmas. Respeita o espaço do desenho e usa variedade de cores, gosta de desenho livre.

Na matemática a M tem noção de quantidade, lê e escreve numerais de 1 a 7. Participa das atividades que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático tais como jogos, contagens com material concreto e brincadeiras, reconhece formas geométricas e as cores.

No lanche alimenta-se bem, come as frutas, quanto à higiene pessoal faz a escovação dos dentes e usa o banheiro tudo com autonomia.

No parque diverte-se com os brinquedos, participa de forma ativa nas brincadeiras e explora com entusiasmo os diferentes ambientes da escola. E assim está progredindo consideravelmente no seu processo de aprendizagem.

Fico feliz em ter a M em nossa turma.

Responsável: 

19/06/2017

Relatório do 2º Semestre / 2017

Aluno: A

Turma: Pré Escola 1

Professora: B

Neste segundo semestre, o A. no aspecto afetivo demonstrou ser um aluno carinhoso, atencioso, espontâneo e meigo. Ao realizar as atividades propostas as faz com muita motivação e curiosidade, é muito esforçado. Quanto às regras de convivência muitas vezes é resistente em cumpri-las, no entanto quando chamo sua atenção pede desculpas e as cumpre. Ele é muito esperto, o que se faz perceber que está ávido sempre por novas descobertas.

Tem senso cooperação com todos os colegas e professora, no dia de brinquedo de casa empresta aos colegas sem precisar da minha intervenção, e assim com carisma e junto com seus colegas está construindo normas e valores próprios para sua idade que o faz progredir no seu desenvolvimento para um melhor aprendizado.

Nas atividades propostas apresentou um considerável progresso quanto a sua autonomia na realização das mesmas e nas resoluções de algumas situações do cotidiano.

Quanto à linguagem oral, o A. apresenta um pouco de dificuldade ao pronunciar algumas palavras, o qual sugerimos uma avaliação de um profissional da área, já na escrita, escreve o nome com desenvoltura, consegue identificar e comparar letras do alfabeto, retira da lousa qualquer palavra. Desenvolveu atividades envolvendo alfabeto móvel associando as letras, reconta e cria novas histórias com isso está ampliando seu vocabulário.

Aprecia a leitura feita diariamente em grupo ou individual, porém em alguns momentos se dispersa requerendo que chame a atenção. Contudo está desenvolvendo as suas habilidades e aprimorando as práticas das mesmas. Respeita o espaço do desenho e usa variedade de cores, gosta de desenho livre e massinha.

Na matemática o A. tem noção de quantidade, lê e escreve numerais de 0 a 10. Participa das atividades que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático tais como jogos, contagens com material concreto e brincadeiras, reconhece formas geométricas e as cores.

No lanche alimenta-se bem, come as frutas, quanto à higiene pessoal faz a escovação dos dentes e usa o banheiro tudo com autonomia.

No parque diverte-se com os brinquedos, participa de forma ativa nas brincadeiras e explora com entusiasmo os diferentes ambientes da escola. E assim está progredindo consideravelmente no seu processo de aprendizagem.

Sinto-me lisonjeada por ter passado esse ano com o A. na nossa turma. Ele está apto a frequentar a turma do pré 2, no próximo ano

Responsável: \_\_\_\_\_

04/12/2017

Relatório do 2º Semestre / 2017

Aluna: A

Turma: Pré Escola 1

Professora: B

Neste segundo semestre, a A. no aspecto afetivo demonstrou ser uma criança, um pouco imatura em lidar com questões interpessoais, porém é meiga e carinhosa. Ao realizar as atividades propostas as faz, no entanto, preciso ficar chamando a sua atenção, pois se distrai muito facilmente. Quanto às regras de convivência muitas vezes é resistente, no entanto quando chamo sua atenção pede desculpas e as cumpre. Ela é esperta e muito inteligente e está sempre disposta a novas descobertas.

Tem senso cooperação com todos os colegas e professora, no dia do brinquedo de casa empresta aos colegas sem precisar da minha intervenção, e assim com carisma e junto com seus colegas está construindo normas e valores próprios para sua idade que a faz progredir no seu desenvolvimento para a construção do seu aprendizado.

Nas atividades propostas apresentou um considerável progresso quanto a sua autonomia na realização das mesmas e nas resoluções de algumas situações do cotidiano.

Quanto à linguagem oral, a A. apresenta um pouco de dificuldades ao pronunciar as palavras, o qual sugerimos uma avaliação de um profissional da área, já na escrita, escreve o nome com desenvoltura, consegue identificar e comparar quase todas as letras do alfabeto, retira da lousa qualquer palavra. Desenvolveu atividades envolvendo alfabeto móvel associando as letras, reconta e cria novas histórias com isso está ampliando seu vocabulário.

Na hora da leitura feita diariamente em grupo ou individual se dispersa com facilidade, o que dificulta o seu um pouco o seu desenvolvimento em algumas de suas habilidades e na prática das mesmas. Respeita o espaço do desenho e usa variedade de cores, gosta de desenho livre, folhear livros e massinha de modelar.

Na matemática a A. está aprimorando a noção de quantidade, lê e escreve numerais de 0 a 10, tem um pouco de dificuldades em traçar alguns. Participa das atividades que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático tais como jogos, contagens com material concreto e brincadeiras, reconhece formas geométricas e as cores.

No lanche alimenta-se bem, come as frutas, quanto à higiene pessoal faz a escovação dos dentes e usa o banheiro tudo com autonomia.

No parque diverte-se com os brinquedos, participa de forma ativa nas brincadeiras e explora com entusiasmo os diferentes ambientes da escola, porém muitas vezes brinca sozinha. Contudo está progredindo consideravelmente no seu processo de aprendizagem.

Sinto-me lisonjeada por ter passado esse ano com a A. na nossa turma. Ela está apta a frequentar a turma do pré 2. no próximo ano requerendo mais atenção.

Responsável: \_\_\_\_\_ 04/12/2017

Relatório do 1º Semestre / 2017

Turma: Pré Escola 1

Parecer pedagógico:

Quanto ao aspecto social, a aluna interage bem com seus amigos, porém na maioria das vezes A prefere brincar sozinha manipulando jogos variados como memória, encaixes, blocos lógicos, folheando livros de histórias. Não demonstra interesse em se relacionar diante de situações como jogos ou partilha de brinquedos, mesmo diante da aproximação de outra criança, ela se afasta e prefere brincar só. Por esse motivo, temos proporcionado situações em que precise compartilhar objetos, mesmo percebendo certa resistência por parte dela, pois assim estaremos aprimorando seu convívio social. Envolve-se nas atividades diárias, sejam elas pedagógicas, físicas ou recreativas, participando das atividades propostas com a supervisão e incentivo da professora.

Quanto ao aspecto cognitivo a aluna realiza as atividades com orientação e auxílio da professora. Está tendo acesso às letras do alfabeto proporcionando a ela o reconhecimento das mesmas, principalmente das letras que formam o seu nome.

Tudo deve ser feito em um curto espaço de tempo devido a sua concentração. Diante das atividades que envolvem conteúdos matemáticos, a aluna está entrando em contato com os numerais e suas quantidades de 0 a 5. Também está vivenciando atividades e jogos que contenham as cores principalmente primárias para que posteriormente possa identificá-las.

Em atividades de expressão artística a aluna demonstra grande interesse por colagens e uso de tinta, seus desenhos são abstratos, porém sempre a incentivo solicitando que faça o que lhe foi pedido.

Quanto ao aspecto físico e psicomotor, a aluna demonstra resistência em participar das atividades recreativas.

Está no processo de desenvolvimento da coordenação motora com relação a utilização do lápis, giz de cera, caneta hidrocor ou pincéis, tesoura e perfurador.

Alimenta-se bem e possui bons hábitos de higiene. É uma criança alegre e bastante amorosa e também muito querida por todos os amigos.

Responsável:

19/06/2017

Relatório do 2º Semestre / 2017

Aluno: F

Turma: Pré Escola 1

Professora: B

Neste semestre, o F no aspecto afetivo demonstrou ser uma criança um pouco imatura, chora com facilidade para demonstrar sua insatisfação, entretanto é muito meigo, carinhoso, atencioso e amigo. Ele é esperto, porém ao realizar as atividades propostas precisa da minha intervenção, pois demora um pouco para concluí-las, porque se dispersa com certa facilidade. Quanto às regras de convivência algumas vezes é resistente em cumpri-las, no entanto quando chamo sua atenção pede desculpas e as cumpre. No entanto, percebe-se que está sempre ávido por novas descobertas.

Tem senso cooperação com todos os colegas e professora, no dia de brinquedo de casa empresta aos colegas sem precisar da minha intervenção, e assim com carisma e junto com seus colegas está construindo normas e valores próprios para sua idade que o faz progredir no seu desenvolvimento para um melhor aprendizado.

Nas atividades propostas apresentou um considerável progresso quanto a sua autonomia na realização das mesmas e nas resoluções de algumas situações do cotidiano.

Quanto à linguagem oral, o F apresenta dificuldade ao pronunciar algumas palavras, o qual sugerimos uma avaliação de um profissional da área, já na escrita, escreve o nome, consegue identificar e comparar letras do alfabeto, retira da lousa qualquer palavra. Desenvolveu atividades envolvendo alfabeto móvel associando as letras, reconta e cria novas histórias com isso está ampliando seu vocabulário.

Aprecia a leitura feita diariamente em grupo ou individual, porém em alguns momentos se dispersa requerendo que chame a atenção. No entanto está desenvolvendo as suas habilidades e aprimorando as práticas das mesmas. Precisa de orientações para ocupar o espaço adequado do desenho, usa uma variedade de cores, gosta de desenho livre e massinha.

Na matemática o F tem noção de quantidade, lê e escreve numerais de 0 a 10, porém tem dificuldades em traçar alguns. Participa das atividades que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático tais como jogos, contagens com material concreto e brincadeiras, reconhece formas geométricas e as cores.

No lanche alimenta-se bem, come as frutas, quanto à higiene pessoal faz a escovação dos dentes e usa o banheiro tudo com autonomia.

No parque diverte-se com os brinquedos, participa de forma ativa nas brincadeiras e explora com entusiasmo os diferentes ambientes da escola. E assim está progredindo consideravelmente no seu processo de aprendizagem.

Sinto-me lisonjeada por ter passado esse semestre com o F na nossa turma. Ele está apto a freqüentar a turma do pré 2, no próximo ano requerendo certa atenção.

Responsável: \_\_\_\_\_

04/12/2017

## Ficha F – Pré II:

do 1º Semestre / 2017

Aluno:

Turma: Pré Escola 2

Professora:

*“SEM A CURIOSIDADE QUE ME MOVE, QUE ME INQUIETA, QUE ME INSERE NA BUSCA, NÃO APRENDO...” -  
PAULO FREIRE*

### **Parecer pedagógico:**

Durante este 1º semestre pude observar que, de uma maneira geral, os alunos do pré II estão avançando frente aos desafios pedagógicos enfrentados. Envolvem-se nas atividades diárias, registro, lúdicas ou recreativas e físicas, participando de tudo o que tem sido proposto.

**Quanto ao aspecto social.** o(a) aluno(a) interage bem com seus amigos.

Relaciona – se bem com seus amigos, compartilhando jogos e partilhando brinquedos, respeitando as regras. Em alguns momentos diante de algum conflito devido à disputa por um objeto brinquedo ou até mesmo a companhia de algum amigo solicita meu auxílio para que a situação seja resolvida.

Demonstra boa pronúncia das palavras, bom vocabulário e consegue se expressar para solicitar o que deseja, porém ao ter que se expor durante uma situação nova, como transmitir algum recado, demonstra timidez sendo necessário o auxílio de um amigo.

**Quanto ao aspecto cognitivo:** Compreende as orientações e explicações dadas durante a aula, consegue ter uma boa interpretação de pequenos textos. Participa dos comentários feitos durante a roda de conversa, expondo de maneira objetiva seus pontos de vista. Está em processo de reconhecimento das letras do alfabeto. Diante das atividades que envolvam conteúdos matemáticos, está em processo de reconhecimento dos numerais de zero a 10, tem ampliado a noção de sequência numérica, antecessor e sucessor, conjuntos. Reconhece as formas geométricas, nomeia cores primárias e secundárias, classifica quanto ao tamanho, percebe as propriedades dos objetos quanto à dimensão, espessura, peso, posição, distância, quantidade. Em atividades de expressão artística, tenho o incentivado para que desenhe e utilize cores variadas e percebo que tem melhorado quanto aos detalhes e a criatividade.

**Quanto ao aspecto físico e psicomotor,** participa das atividades recreativas, apresenta boa resistência durante esses momentos. Demonstra boa flexibilidade como subir, descer, saltar e habilidades como agilidade, equilíbrio e velocidade.

Apresenta boa coordenação motora durante a utilização do lápis, giz de cera, caneta hidrocor ou pincéis. Alimenta-se bem e possui bons hábitos de higiene.

J. é um menino observador, amoroso, prestativo e alegre, estamos felizes por tê-lo em nossa turma. Ele é um garoto muito inteligente e tem facilidade em aprender, porém agora, no pré 2, é que está tendo contato com as letras e numerais e está bastante motivado em realizar as atividades. Tenho o auxiliado de maneira lúdica para que consiga compreender com mais facilidade e ele tem demonstrado bastante interesse pelas propostas. Sendo assim estarei enviando para casa alguns jogos com orientações para que possa brincar com a família.

Também oriento aos pais ficarem atentos quanto à frequência do João às aulas, já que a ausência demasiada prejudica o desenvolvimento dele. A pré-escola é obrigatória e prepara a criança para ingressar no Ensino Fundamental.

**Responsável:**

19/06/2017



Relatório do 2º Semestre / 2017

Aluno: J

Turma: Pré Escola 2

Professoras: A e A

*Uma mente inquieta é aquela que mais tem a oportunidade de crescer, de se desenvolver e se aprofundar. (Rappaport)*

**Parecer pedagógico:**

Durante este 2º semestre pude observar que, de maneira satisfatória, os alunos do Pré II avançaram frente aos desafios pedagógicos apresentados. Envolveram-se nas atividades diárias, lúdicas ou recreativas e físicas, registros gráficos ou escritos, participando de tudo que foi proposto para os estudantes.

**Quanto ao aspecto social,** o(a) aluno(a) interage bem com seus amigos.

Relaciona-se bem com seus amigos, interagindo de maneira harmoniosa, compartilhando jogos e partilhando brinquedos, respeitando as regras. Em alguns momentos diante de algum conflito devido a disputa por um objeto brinquedo ou até mesmo a companhia de algum amigo solicita meu auxílio para que a situação seja resolvida.

**Quanto ao aspecto cognitivo:** Compreende as orientações e explicações dadas durante a aula. Participa dos comentários feitos durante a roda de conversa, expondo seus pontos de vista. Reconhece as letras do alfabeto. Encontra-se na fase silábico-alfabético /alfabético.

Diante das atividades que envolvam conteúdos matemáticos, reconhece os numerais de zero a 30, tem ampliado a noção de sequência numérica, antecessor e sucessor, conjuntos. Reconhece as formas geométricas, nomeia cores primárias e secundárias, classifica quanto ao tamanho, percebe as propriedades dos objetos quanto à dimensão, espessura, peso, posição, distância, quantidade. Em atividades de expressão artística, é bastante caprichoso em seus desenhos e utiliza cores variadas.

Demonstra boa pronúncia das palavras e bom vocabulário, segurança, confiança e espontaneidade diante das brincadeiras, ao ter que expor durante uma situação nova, como transmitir algum recado.

**Quanto ao aspecto físico e psicomotor,** participa das atividades recreativas, apresenta boa resistência durante esses momentos. Demonstra boa flexibilidade como subir, descer, saltar e habilidades como agilidade, equilíbrio e velocidade. Apresenta boa coordenação motora durante a utilização do lápis, giz de cera, caneta hidrocor ou pincéis.

Alimenta-se bem e possui bons hábitos de higiene.

O J é um menino amoroso e alegre. Foi muito bom tê-lo como aluno. Desejo que ele seja muito feliz nessa nova etapa escolar, que enfrente os desafios e supere os obstáculos com coragem e dedicação.

O J está apto para frequentar o 1º ano do Ensino Fundamental.

Responsável: \_\_\_\_\_

04/12/2017